

DOIS ALFABETIZADORES ANTES DO GOLPE DE 64

(uma experiência fundamentada no
pensamento de Paulo Freire)

Jose Carlos e Vera Barreto



APRESENTAÇÃO

Temos notado que existe entre os jovens uma curiosidade muito grande sobre os anos sessenta. Em especial os que antecederam o golpe militar de 64. Quando estes jovens são educadores, esta curiosidade abrange também a alfabetização e a educação popular desenvolvida pelos estudantes da época. Esta curiosidade se justifica.

Foi neste período da nação brasileira que Paulo Freire deixou de ser um professor universitário apenas conhecido no Recife, para tornar-se figura nacional. Primeiro passo para que depois, em razão de sua produção no exílio, fosse reconhecido em todo o mundo como o maior educador que o Brasil já produziu.

Neste período também a UNE viveu seu período áureo. Expressava os anseios de participação política e social de uma juventude que crescera livre da repressão do Estado Novo de Vargas. Paralelo interessante com a atual juventude que também começa sua vivência de cidadania longe da tragédia do AI 5.

Fomos atores deste momento histórico que precedeu o golpe de 64. Como sujeitos, participamos do trabalho de alfabetização em Vila Helena Maria. Foi a primeira vez que, fora do Nordeste, se experimentou alfabetizar adultos dentro do pensamento de Paulo Freire. Por isso, não poderíamos, eu e Vera, deixar de contribuir para a satisfação desta curiosidade natural nos jovens educadores. Principalmente porque este período, embora seja rico em experiências, corre o risco de ser mistificado. E a mistificação costuma impedir que se aprenda com a História.

Por isso, sempre que possível, traçamos paralelos e distinções entre a ação da época e a de hoje, nunca perdendo de vista as diversidades dos dois momentos históricos.

Somos gratos por termos vivido intensamente este período. Especialmente aquele momento de vivência do pensamento de Paulo Freire. Ele marcou indelévelmente nossa visão do mundo e da educação. E se isto não bastasse, propiciou o nosso casamento. São 27 anos de vida em comum que nos permitiram crescer com três filhos que também têm o gosto de mudar e construir o mundo.

Agosto de 1992
José Carlos Barreto

DOIS ALFABETIZADORES DE ADULTOS ANTES DO GOLPE DE 64

1. Os primeiros passos

Era 1962. Eu e a Vera nem nos conhecíamos. Ela, aluna de Pedagogia da USP, eu começava Ciências Sociais na PUC. Em comum, um passado de militância na Ação Católica e o fato de participar da mesma categoria de jovens: a dos universitários. Por sinal, uma categoria extremamente valorizada na época.

O pequeno número de faculdades, tornava o processo escolar altamente seletivo. Frequentar um curso universitário significava pertencer às classes dominantes ou, pelo menos, estar razoavelmente próximo delas. Atingir a Universidade era o coroamento de um longo percurso iniciado na escola primária. Percurso especializado, mais ainda do que hoje, no processo de exclusão da população mais pobre. Ser universitário era, realmente, um privilégio.

Para uma pequena minoria de universitários conscientes, este privilégio era desconfortável. Sabíamos que estávamos ali, graças ao mesmo Sistema de exploração que havia alijado outros jovens das mesmas oportu-

nidades. Cursávamos a universidade mais por nascimento do que por mérito. Como outros, sentíamos necessidade de retribuir (ou quem sabe compensar) os privilégios com que havíamos sido beneficiados.

Tínhamos muita simpatia pelas teses progressistas que postulavam modificações estruturais da sociedade. Com elas, sonhávamos eliminar os privilégios, as desigualdades, a miséria, a fome e o atraso do País. Por isso, também nos empolgavam os movimentos em defesa da escola pública e da democratização do ensino.

Mas, não apenas sonhávamos. Com a impaciência própria da idade, tínhamos necessidade de desenvolver ações concretas e imediatas que beneficiassem imediatamente a população que "estava pagando com o seu suor os nossos estudos". Crescia a participação universitária em movimentos de desfavelamento (considerados progressistas, na época), de saúde, de assistência jurídica para a população pobre, etc.

Movimentos de cultura popular

Criavam-se também, movimentos e grupos universitários

interessados em aproximar as classes populares da universidade. Multiplicavam-se os momentos de contato entre a cultura acadêmica e a cultura popular. Criavam-se atividades visando a valorização da cultura popular. As esculturas de barro de mestre Vitalino e outros artistas eram muito procuradas e serviam de prova da dignidade desta cultura. O mesmo ocorria com outras manifestações culturais como a música, a literatura de cordel, o teatro de mamulengo, etc.

A valorização das manifestações populares de cultura não impedia a percepção da necessidade de que o conhecimento escolar chegasse até o povo. A ausência deste conhecimento, a nosso ver, tornava mais duras as condições de vida da população mais pobre e diminuía muito a possibilidade de participação no processo de mudanças estruturais. O próprio direito ao voto, princípio da participação política, era negado aos analfabetos.

Foram criados movimentos e grupos universitários com a intenção de levar até o povo estes conhecimentos. Os CPCs (Centro Popular de Cultura) e os MCPs (Movimento de Cultura Popular) são exemplos destas iniciativas. Não tardou muito para que a alfabetização de adultos se tornasse uma importante alterna-

tiva de engajamento universitário.

Parecia bastante adequado que aqueles que haviam atingido o topo da escolaridade contribuíssem com os que nem a haviam iniciado. Não é difícil imaginar, também, o apelo que provocava, em nós, o analfabetismo adulto. Afinal, tínhamos nos livros, a principal fonte de informação e nos parecia injusto que outros não tivessem possibilidade de lê-los.

Como não poderia deixar de ser, tanto os eventos culturais para a população, como a alfabetização de adultos, tinham uma forte motivação política e ideológica. Afinal, esta parcela consciente da população universitária estava sensibilizada pela necessidade de transformações estruturais na sociedade brasileira e muito interessada na sua realização.

Alguns grêmios estudantis organizavam classes de alfabetização de adultos. Neles, os próprios universitários eram os alfabetizadores. O interesse pela alfabetização de adultos aumentava pela carência da rede oficial no atendimento desta população e também pela possibilidade de um rápido retorno político. É preciso não esquecer que adultos alfabetizados podiam ser eleitores e, na época, os

analfabetos não podiam votar. Embora possa parecer estranho, a maioria de nós acreditava no voto como um instrumento de transformação estrutural.

O Grêmio da Curso de Pedagogia da USP era um destes grêmios que mantinham cursos de alfabetização de adultos. Atendia aos pedreiros e ajudantes que trabalhavam nas obras de construção da Cidade Universitária. Vera era uma das alfabetizadoras.

A metodologia utilizada era a possível a estudantes cujo currículo acadêmico não contemplava nada a respeito de crianças sem escolas ou de adultos que aprendiam a ler. A inovação, se é que havia, ficava por conta dos textos e cânticos totalmente recheados de informações que considerávamos politizantes. Estávamos preocupados em mostrar aos alunos como eles eram pobres e explorados (como se não o soubessem...) e quais os principais culpados por esta situação (o principal deles, como não poderia deixar de ser: o imperialismo norte-americano).

Insatisfeita com os resultados obtidos como alfabetizadora, Vera foi, certa vez, procurar o Serviço Estadual que se ocupava da Educação de Adultos em São Paulo. Buscava alternativas metodológicas que

pudessem aumentar a sua eficiência pedagógica. Foi recebida, numa sala empoeirada, por uns poucos funcionários, que ficaram muito espantados em receber alguém jovem, com interesse em educação de adultos. Vera não encontrou nada que pudesse ser útil. Mas, recebeu um conselho amigável. Não se preocupasse com a educação de adultos. Afinal, ela estava desaparecendo...

Paulo Freire

Foi neste tempo que começou a circular a notícia de que um professor nordestino estava desenvolvendo um trabalho diferente de alfabetização de adultos no Recife e em Angicos, uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Norte. As informações eram poucas. Dizia-se que ele conseguia uma alfabetização extremamente rápida, partindo de palavras extraídas do vocabulário popular. Falava-se também que este trabalho ampliava o nível de consciência dos alfabetizados. O nome do obscuro professor pernambucano: Paulo Freire.

Vera participava de um grupo de estudantes que, na UEE (União Estadual dos Estudantes), organizava o M.C.P. e planejava um amplo trabalho de alfabetização com universitários, a

exemplo do que já começava a acontecer no Rio de Janeiro e também no Recife. Este grupo, logo, procurou saber mais detalhes sobre este método que conseguia resultados tão positivos.

A principal fonte de informações desta "maravilha", ficou sendo uma professora do Rio Grande do Norte que estava fazendo um curso de especialização em São Paulo e que havia visitado Angicos durante a realização do trabalho de alfabetização. Não era muito, mas ao menos era alguém que havia visto uma "classe" de alfabetização funcionando. Por ela foi possível perceber alguns recursos utilizados pelo Professor Paulo Freire. (o uso de "slides", a seleção das palavras geradoras, o Círculo de Cultura, etc.). Porém logo, estas informações já não satisfaziam mais. Dava para saber algumas coisas que eram feitas mas faltava saber porque estas coisas eram feitas. Em outras palavras o grupo passou a sentir falta da fundamentação teórica que sustentava aquela forma de agir. Sem ela, a coisa tomava uma feição meio mágica... Mas esta fundamentação teórica, a professora do Rio Grande do Norte não tinha condições de fornecer.

A saída era tentar ouvir o próprio Paulo Freire. O grupo tratou de escrever ao professor

pernambucano. Na carta, contava-se a ele da existência do grupo, do seu plano, do interesse pela alfabetização e da enorme curiosidade que as notícias sobre o seu trabalho havia despertado. Nela, pedia-se também maiores detalhes sobre a fundamentação. Para alegria de todos, Paulo Freire respondeu.

Na resposta, Freire contava que estava produzindo algum material escrito em que a fundamentação teórica do trabalho feito em Angicos era tratada. Pedia paciência, porque em breve este material estaria publicado e o grupo poderia ter acesso a ele. Com essa correspondência, foi aberto um canal de comunicação com Paulo Freire.

A promessa da futura publicação de material escrito não satisfez plenamente o grupo. Não queriam ficar aguardando passivamente enquanto as coisas aconteciam. Afinal éramos jovens e tínhamos a impaciência própria da idade. Tratamos logo de tornar a escrever a Freire colocando diretamente as principais dúvidas sobre o que já havíamos tido conhecimento. Pacientemente, Paulo respondeu eliminando algumas das dúvidas mas gerando novas perguntas. Nova carta seguiu e novas respostas chegaram.

As cartas de Paulo Freire eram lidas e relidas num esforço para compreender conceitos e visões absolutamente novos para todos. As idéias encantavam, mas não eram de fácil compreensão. O que mais dificultava era o fato de todos estarem imersos em uma estrutura tradicional de sociedade e de educação. Eram, ainda que o rejeitassem, frutos de uma sociedade autoritária e não haviam vivenciado modelos diferentes de relação social. Muitas vezes, mais se adivinhava do que se compreendia o que Freire queria dizer.

Mas chegou um momento em que se tornou indispensável um contato pessoal e direto com Paulo Freire. A simples comunicação escrita já não era suficiente. Era preciso estar com ele pessoalmente. O convite para vir a São Paulo foi feito. Paulo aceitou. Apenas pedia que fosse conseguida passagem e estadia já que seu modesto salário de professor não permitia extravagâncias. Estávamos no 1º semestre do ano de 1963.

A passagem não foi problema. A UEE (1), como todas as organizações universitárias da época, dispunha de recursos e bancou a viagem. A hospedagem foi batalhada e conseguida junto ao CRPE (2). Paulo Freire pôde vir a São Paulo.

Quase todo o grupo foi esperá-lo no Aeroporto de Congonhas. Ninguém tinha a menor idéia de como seria fisicamente, o professor do Recife. Apesar de tanta troca de correspondência, ninguém se lembrara de mandar ou pedir fotografia. Mas ninguém tinha dúvida de que iria reconhecê-lo.

Durante a espera no aeroporto, aproximou-se um rapaz conhecido de quase todos. Estudante de direito, trabalhava como "foca" no jornal "FOLHA DE SÃO PAULO". Estava aborrecido. Tinha ido cobrir a chegada de um político e ele não aparecera. Alguém contou que iria chegar um professor nordestino que estava fazendo um trabalho muito interessante de educação de adultos. Que tal, para não perder a viagem, aproveitar e fazer uma matéria com ele? Depois de esperar um pouco o rapaz resolveu ir embora. Justificou dizendo que "neste país, um professor ser notícia? Não dá pra acreditar!". E com isto, Zé Maria deixou de documentar a primeira vinda a São Paulo de um educador que dali por diante, nunca deixou de ser notícia.

A estada de Paulo Freire foi breve mas suficiente para clarear bastante seu pensamento. Informado que o grupo iria realizar uma experiência de alfabetização na periferia, den-

tro das idéias que ele estava desenvolvendo, entusiasmou-se.

A visita serviu também para prestigiar o grupo junto ao CRPE. Paulo manteve um contacto muito proveitoso com o seu director, o prof. Laerte Ramos de Oliveira. Apesar de conservador, o Prof. Laerte percebeu que o pensamento freireano iria repercutir na educação brasileira. Fez questão que o CRPE acompanhasse a experiência que o grupo pretendia realizar. Este fato oficializou a colaboração do prof. Celso Beisegel que já mantinha com o grupo relações de amizade.

Ficou acertada uma nova vinda de Freire a São Paulo, desta vez com sua equipe, dentro de alguns meses. Nesta nova visita dariam um pequeno curso para o grupo de universitários que iria alfabetizar dentro desta experiência.

Enquanto buscava conhecer as idéias freireanas e a metodologia utilizada por ele, o grupo não tinha ficado parado. Tendo se estruturado oficialmente, o MCP passou a buscar apoio de vários profissionais (fotografo, historiador, arquiteto, sociólogo, etc.) que pudessem contribuir no seu projeto.

No MCP, a maior parte dos participantes estava ligada à AP (3), um grupo recém criado com muitos ex-militantes da Igreja Católica e que naquele momento detinha uma certa hegemonia no movimento estudantil.

É fácil perceber que o interesse pela educação popular trazia também uma forte motivação política partidária que reforçava o desejo já existente de contribuir com as camadas populares. Animávamos poder juntar a ação política à prática pedagógica. Naquela época, ainda não havíamos percebido que toda educação é ato político e que nossa ação já era política por ser educativa.

Preparativos para a experiência de alfabetização

Para que o MCP pudesse realizar a pretendida experiência de alfabetização fundamentada em Paulo Freire, era necessária uma quantidade enorme de providências práticas que permitissem o funcionamento de algumas classes de alfabetização de adultos durante um certo período.

A primeira questão foi escolher onde seria feita a experiência. Alguns critérios foram definidos para esta escolha. Um deles era que o local deveria

ter uma certa identidade. Isto é, deveria ter características próprias de um bairro popular e não ser simples dormitório. Obviamente, deveria ter um grande número de analfabetos adultos o que tornava quase obrigatória a escolha de um bairro da periferia.

Ainda que na periferia, o bairro deveria permitir o acesso diário dos alfabetizadores. Não se pode esquecer que na época, em São Paulo, não existiam vias de acesso expressas como as marginais, as radiais e muito menos o Metrô. Embora sendo na periferia, deveria oferecer condições para se ir e voltar facilmente, já que as aulas seriam à noite. Outro critério estabelecido foi o de que o bairro tivesse locais com o mínimo de condições para o funcionamento de classes.

Viabilizar esta experiência, exigia trabalho e um razoável esforço de planejamento e organização. Tanto para conseguir as condições materiais necessárias, como no planejamento das providências pedagógicas. Isto consumia uma quantidade infundável de reuniões e discussões intermináveis. Exigia também um tempo enorme na execução das tarefas planejadas. Sem contar a energia consumida com as diferenças, fofocas, ciúmes, mal-entendidos, etc. que

são muito próprias de um trabalho coletivo mas que consomem muito esforço, paciência e determinação.

Minha entrada na Equipe

Neste momento, eu me aproximei do MCP. Não vinha motivado por razões pedagógicas mas por interesses muito pragmáticos. Queria usar a alfabetização rápida de adultos como instrumento auxiliar do meu trabalho de sindicalização rural.

Franco Montoro, Ministro do Trabalho de João Goulart havia regulamentado o direito do trabalhador rural se sindicalizar. Este direito havia sido garantido pela constituição de 1946. mas, por falta de regulamentação, nunca havia sido exercido. Para que não ficasse apenas no plano legal, sem concretizar-se na prática, vários movimentos sociais se movimentavam para concretizar este direito auxiliando a montagem e organização de sindicatos de trabalhadores rurais. Desde que entrara na faculdade eu estava mergulhado neste processo de ajuda à organização do trabalhador rural.

O trabalho não era fácil e a principal resistência vinha dos próprios trabalhadores que,

ou tinham medo de sindicalizar-se, ou não entendiam a importância da sindicalização rural. Na minha ingenuidade, acreditava que era preciso apenas encontrar formas adequadas de atrair o trabalhador rural ao sindicato para conseguir mobilizar o campo em favor das transformações estruturais necessárias ao País.

Assim, fiquei muito interessado quando ouvi dizer que no Recife um professor estava realizando um trabalho pedagógico que alfabetizava adultos em apenas quarenta horas e, de quebra, conseguia sua "conscientização". O contingente de analfabetos era, como ainda é, enorme na zona rural. Imaginei que o interesse dos trabalhadores rurais por uma alfabetização rápida seria enorme (ainda a ingenuidade) e um forte atrativo para o ingresso no Sindicato. Meu interesse se multiplicava com as informações de que este trabalho garantia a "conscientização" dos alfabetizando. Era o que eu estava pedindo a Deus!

Tratei de ir à luta para descobrir a fórmula mágica. Procura daqui, informa dali, acabei descobrindo a existência do MCP. Com um pouco de habilidade e do uso dos contatos necessários, acabei conseguindo a aproximação com o grupo. Não

sem encontrar alguma resistência e desconfiança é claro. Junto comigo, ingressou no grupo a Prof. Lucrecia D'Alessio da PUC (4) de São Paulo. Com a nossa entrada, o MCP chegou a 10 pessoas: Stela, Marta, Alice, Carminha, Aninha, Ana Quadros, Lúcrecia, Bia, Vera e eu. Como se vê, não era um grupo que se notabilizava pelo tamanho.

A escolha do local da experiência

A escolha do bairro em que se realizaria a experiência, apesar de todas as discussões para o estabelecimento de critérios, acabou sendo bastante empírica. Os critérios ajudaram na seleção mas outros fatores intervieram na decisão. Para decidir, não bastava a discussão. Era necessário conhecer os possíveis bairros para ter elementos na hora da decisão. Visitar bairros populares passou a ser uma atividade normal do MCP.

Grande parte destes bairros visitados ficavam em Osasco e isto, claro, tinha uma história. Desde o início dos contatos com a metodologia freireana, aproximou-se do grupo uma professora universitária de história, Dona Helena Pignatari que logo conquistou grande prestígio. Adulta, vida profissional

definida e dotada de grande simpatia, não era de admirar que desempenhasse um papel importante para a segurança do grupo. Na verdade, depois de algum tempo não faltaram as desconfianças sobre os verdadeiros motivos de seu envolvimento. Desconfianças próprias de ocorrerem na relação de um grupo extremamente jovem com alguém mais velho e experiente. Afinal, não tinha ficado longe o tempo em que cada um de nós tinha conseguido se afirmar frente à própria família e não estávamos dispostos a criar novas dependências.

As intermináveis reuniões de que já falamos acima, eram quase sempre realizadas na casa de D. Helena, com direito a almoço, sobremesa e lanche.

Dona Helena morava em Osasco. Mais do que isto, corria a informação que havia sido Secretária de Educação do Município e não faltou quem desconfiasse que dona Helena gostaria muito de voltar a ser Secretária ou vereadora. Como se pode ver, a fofoca não é fenômeno recente. Por este motivo ou por outro qualquer, o fato é que dona Helena tinha muita vontade que a experiência acontecesse em Osasco.

Como o MCP não tinha nenhuma outra região definida, nem

tinha nada contra Osasco, facilmente a vontade de Dona Helena ficou sendo também a vontade do MCP. O problema então passou a ser o de definir dentro de Osasco, qual o bairro em que a experiência iria ocorrer.

Depois de muita quilometragem rodada (no carro de dona Helena ou de seus amigos) a escolha recaiu sobre a Vila Helena Maria. Bairro novo, ainda em formação, ficava na periferia de Osasco mas tinha acesso bastante facilitado à partir do bairro de Pinheiros, em São Paulo. Era possível chegar em Helena Maria em apenas 30 minutos de carro à partir do Largo de Pinheiros.

Vila Helena Maria tinha uma grande quantidade de migrantes da área rural, principalmente do nordeste e de Minas Gerais. No bairro existiam alguns galpões escolares que podiam ser aproveitados para o funcionamento das classes. Posteriormente, a pesquisa do universo vocabular mostrou a existência de uma grande quantidade de pedreiros e ajudantes de pedreiro entre os seus moradores. Isto levou, é claro, a que a primeira palavra geradora usada fosse TIJOLO palavra que mais tarde passou a fazer parte de muitas seleções de palavras geradoras por este Brasil afora.

Nos quase 30 minutos da viagem diária para Helena Maria "tijolo" virou também tema musical. Com a música da marchinha carnavalesca "sa,sa,saricando" era cantado:

Ta, te, ti, tijolo

até hoje só serviu

prá construção,

Ta, te, ti, tijolo

é agora arma de revolução.

A Pesquisa do Universo Vocabular

A partir de agora, como iremos relatar os aspectos propriamente pedagógicos do trabalho de Vila Helena Maria deixemos que a Vera conte os procedimentos que se seguiram. Afinal, ela participou deles todos e não estava dividida, como eu, entre a alfabetização e a sindicalização rural...

Pelo que o Zeca contou até aqui, o leitor pôde perceber que o MCP, embora pequeno, tinha muita ousadia e estava realmente disposto a vivenciar o pensamento freireano na alfabetização de adultos. Tinha se identifi-

cado com a proposta e queria vê-la na prática...

Determinado o bairro, era possível agora, preocupar-se com a seleção das palavras geradoras que iriam servir como base para a alfabetização. Segundo havíamos entendido de Paulo Freire, era fundamental que estas palavras fossem muito significativas para a população com que iríamos trabalhar. Para descobri-las, seria necessária uma pesquisa da linguagem desta população. Paulo Freire chamava esta pesquisa de "Pesquisa do Universo Vocabular".

Como fazer esta pesquisa? Qual seria a forma mais adequada de realizá-la? A experiência de Helena Maria foi das primeiras centrada no pensamento freireano. Portanto, quase não havia experiência acumulada a que se pudesse recorrer. Por outro lado havíamos percebido claramente que a proposta freireana não era uma simples receita mágica de procedimentos padronizados. Era decorrência de um Sistema de Pensamento que enxergava o processo educativo de uma forma revolucionária. Esta certeza permitiu que o MCP não se sentisse obrigado a imitar o que tinha sido feito nas experiências anteriores e, ao contrário, se sentisse desafiado a recriar muitos dos procedimentos utilizados no Nordeste.

Como Vila Helena Maria era um bairro pequeno e em formação, pareceu-nos que o levantamento das palavras significativas para a população de Vila Helena Maria poderia ser também uma oportunidade para levantar outros aspectos sobre a população do bairro. Poderíamos saber as origens das pessoas, o seu modo de vida, suas aspirações sociais, valores e outras características.

Como não tínhamos um entendimento muito grande sobre pesquisa nas áreas sociais, achamos bom ouvir o prof. Celso Beisegel, um especialista nesta área.

Convidamos alguns amigos de boa vontade e formamos uma boa equipe de pesquisadores. Unidos de um roteiro, tratamos de visitar Vila Helena Maria para fazer as entrevistas necessárias. Estas visitas consumiram noites e noites e vários fins de semana. Em compensação deram-nos uma visão bastante nítida da população do bairro. Estávamos assim preparados para levantar os temas que iriam gerar as discussões (Temas Geradores) e fazer a seleção das palavras geradoras. Poderíamos, mais tarde, construir também os códigos que representariam os contextos em que estas palavras estariam inseridas.

Fomos muito bem recebidos nas entrevistas. Íamos de casa em casa, individualmente ou em dupla, e nos apresentávamos como estudantes que iriam realizar um trabalho de alfabetização de adultos no bairro. Dizíamos que estávamos interessados em conhecer melhor o bairro e as pessoas que moravam nele. Perguntávamos então, há quanto tempo ela (ou ele) estava morando na Vila Helena Maria, se conhecia algum analfabeto adulto por ali, etc. Logo a conversa esquentava e as pessoas iam falando e contando coisas sobre a sua vida, a vida dos vizinhos e do bairro.

Tínhamos o cuidado de não ir escrevendo nada no momento, mas apenas ir guardando na memória para logo em seguida escrever. Achávamos que tomar nota, na frente do entrevistado, comprometeria a espontaneidade da entrevista. Era muito comum, depois de algum tempo de conversa, sermos convidadas a entrar para "tomar um cafezinho", experimentar um docinho, etc. . Algumas vezes, até para o almoço fomos convidadas e chegamos a aceitar o convite pensando que assim poderíamos conhecer melhor a vida e o pensamento dos moradores.

Hoje , 1992, o medo e a violência tão frequentes principalmente na periferia calam as

bocas, ao mesmo tempo que tran-
cam as portas e as janelas.
Ninguém recebe mais um estranho
como o fizeram os habitantes de
Helena Maria.

Depois de tantas entrevis-
tas, estávamos de posse de um
rico material sobre a vida em
Vila Helena Maria. Era chegada a
hora de selecionar as palavras
geradoras.

A escolha das palavras ge- radoras

Ter uma longa lista de
palavras usadas pela população
do lugar onde ia se dar a alfa-
betização era fundamental, mas
não o suficiente. Era preciso
escolher desta lista algumas
palavras que poderiam servir
como palavras geradoras. Quais
os critérios para esta escolha?

Decidimos usar quatro
critérios básicos para esta es-
colha:

- a palavra deveria es-
tar relacionada com situações
muito significativas para os
moradores analfabetos;

- a possibilidade da
palavra gerar várias outras
palavras. Ter sílabas cujas
famílias silábicas permitissem a

escrita de muitas outras
palavras;

- a possibilidade de
representar num "slide" (foto)
o significado da palavra.

- finalmente, o con-
junto das palavras selecionadas
deveria conter todos os fonemas
e grafemas da nossa língua.

O contato que havíamos
tido com as famílias, nas en-
trevistas, permitia identificar
os temas significativos e a par-
tir daí as palavras geradoras. O
bom senso e intermináveis exer-
cícios de combinação nos levaram
ao preenchimento dos outros
critérios. No final, tínhamos
uma listagem com 16 palavras :

TIJOLO - POVO - VOTO -
FEIRA - BARRACO - MAQUINA - SA-
RILHO - ESCOLA - SALARIO -
CLASSE - COZINHEIRA - ENXADA -
CACHAÇA - PRESTAÇÃO - EMPREGO-
BICICLETA

O curso de preparação dos alfabetizadores

Quando Paulo Freire esteve
em São Paulo ficou acertada com
ele a sua volta, acompanhada da
equipe SEC (Serviço de Extensão
Cultural da Universidade Federal
de Pernambuco) para um curso de
preparação dos alfabetizadores

que iriam trabalhar em Vila Helena Maria.

Este curso aconteceu durante 3 dias que foram bem proveitosos. Tínhamos muitas questões abertas, questões que foram nascendo da ação concreta no preparo da experiência e isto tornava ainda maior o nosso interesse por estes dias.

O curso teve uma estrutura simples e diretamente relacionada como os objetivos a que se propunha.

Foram três os temas fundamentais:

- realidade brasileira;
- fundamentação da proposta de P. Freire;
- metodologia da alfabetização.

A primeira parte, sobre a realidade brasileira, foi desenvolvida por Paulo Freire e analisava algumas das características do momento nacional que vivíamos. Ao fazer esta análise Paulo Freire realçava as matrizes históricas destas características (autoritarismo, ausência de participação popular...) Paralelamente era feita uma análise da escola brasileira, vista como parte da realidade maior onde estava

inserida. A mudança da escola era entendida como uma forma de intervir na mudança da realidade. Para marcar este esforço de criação de uma nova escola, Freire sugeria mudanças mesmo em aspectos exteriores, como:

- o termo professor era substituído pelo termo coordenador;

- a aula pelo círculo de cultura;

- as filas de carteiras pelo círculo, disposição espacial que favorecia o diálogo dos educandos entre si e com o educador.

O segundo dia do curso foi desenvolvido por Jomard Britto e foi dedicado a fundamentação da proposta de Paulo Freire e a importância do grupo na educação de adultos. Como toda prática educativa a proposta que estávamos buscando conhecer era expressão de uma teoria do conhecimento que remetia a uma determinada visão de mundo. Embora concordássemos com as idéias que estavam sendo colocadas, achávamos difícil acompanhar todo o pensamento do Jomard envolvido com os pensamentos de filósofos como Jasper, Maritain que não eram de nossa intimidade.

Jomard discutia também a importância do grupo no trabalho

educativo. O círculo de cultura como um grupo, o papel do coordenador, a discussão no círculo de cultura eram pontos levantados e discutidos tendo como pano de fundo as reflexões de José Artur Rios.

A terceira parte do curso era dedicada à metodologia da alfabetização. Os trabalhos desta parte foram coordenados pela Elsa, mulher de Paulo Freire e pela Aurenice Cardoso. Elsa foi professora de pre-escola e juntava a sua experiência profissional uma forte dose de bom senso. Aurenice trazia também a experiência de ter participado da formação dos alfabetizadores dos trabalhos que nos precederam. Como já tínhamos realizado nossa seleção de palavras geradoras aproveitamos a presença da Elsa e da Aurenice para buscar soluções para um grande número de questões que foram nascendo com a nossa prática. Mas, o tempo deu também para realçar os momentos mais significativos da metodologia que estávamos buscando. Lembro-me que um destes momentos enfatizados foi a do trabalho com a chamada "ficha da descoberta", momento de síntese em que o educando era desafiado a descobrir o processo pelo se escreve alfabeticamente. A atitude do educador neste momento era de grande importância. Ele deveria orientar o trabalho do alfabeti-

zando sem tirar dele o papel de sujeito do ato de conhecer.

A codificação das palavras geradoras

Os trabalhos feitos em Recife e em Angicos contaram com poucos recursos e tinham um caráter nitidamente artesanal. As palavras e situações geradoras foram codificadas de maneira simples. Foram usados desenhos feitos diretamente sobre papel vegetal. O mesmo acontecia com os quadros das sílabas e com as "fichas da descoberta". O papel vegetal, pela sua translucidez, permite a construção artesanal de "slides". Basta desenhar com tinta nanquim obedecendo o formato de "slide" e depois colocar este pedaço de papel vegetal dentro de uma moldura para poder projetá-lo. Obviamente não tem a mesma qualidade do filme, mas preenche as necessidades para as quais se usa um "slide". Seu custo é irrisório. Para colorir-lo, basta pintar com tinta hidrocolor. Material deste tipo foi usado em Recife e também em Angicos.

Alguns dentro do MCP acreditavam que a codificação dos temas geradores ficaria melhor em fotografia. Achavam que a fotografia daria mais vida e realidade ao código e portanto fa-

cilitaria a discussão dos temas geradores. Depois das costumeiras conversas e reuniões optou-se pela fotografia.

Queríamos que as coisas fossem feitas da melhor forma possível e por isso procuramos um amigo de quase todos do MCP e um excelente fotógrafo profissional: o arquiteto João Xavier. O fato de ser amigo era importante porque até aquele momento não existiam recursos financeiros para bancar a experiência. O Xavier foi procurado, convencido da importância do trabalho e "levado" a colaborar.

Armado de máquinas e lentes especiais, lá se foi o Xavier em busca de situações que pudessem codificar as palavras geradoras que tinham sido escolhidas. Como a gente imaginava, as fotografias ficaram ótimas.

Mas a idéia de usar fotografias, que se revelou acertada, ainda iria dar muito trabalho. O primeiro deles, foi completamente inesperado. Como colocar as palavras na fotografia? Nem imaginávamos que isso iria ser problema. Pensávamos que bastava tirar cópias colocando uma tira de papel com a palavra escrita sobre o original. Ledo engano... Isto rebaixaria a qualidade das cópias. Não tinha sentido nenhum a gente ter conseguido a colaboração de

um ótimo fotógrafo profissional para depois ter "slides" com acabamento improvisado. Tínhamos que manter a classe... A solução era incorporar a palavra escrita na própria matriz. O que era complicado, já que estávamos trabalhando com "slides" e não com fotografia de papel.

Outra decisão que teve que ser tomada, foi a do tipo de letra que deveria estar nos "slides". Não se tratava de encontrar a letra mais bonita mas a que funcionasse melhor.

Como a nossa experiência e conhecimento neste campo era quase nulo, fomos atrás dos especialistas (os quais, baseados nas mesmas teorias, chegavam a conclusões bastante diferentes). Depois de muito trabalho, a decisão final recaiu em um tipo especial de letra que os gráficos chamavam de "script" um meio termo entre o manuscrito e a letra de imprensa.

Descoberta a forma de colocar as palavras escritas no "slide" e decidido o tipo de letra a ser usado, parecia que os problemas sobre este assunto estavam resolvidos. Mas não estavam. Nas primeiras tentativas, a fotografia (códigos) e as letras se confundiam e uma atrapalhava a outra. Ficava muito difícil ler as palavras. Nas consultas aos especialistas

havíamos aprendido que letra preta sobre fundo branco é mais visível do que letras brancas em fundo preto. Queríamos, portanto, as letras pretas. Mas na prática, como as fotografias eram coloridas, os fundos eram de todas as cores, menos brancos.

Só conseguimos contornar o problema depois que mandamos (a conselho do Xavier que virou nosso "consultor" de fotografia) abrir uma "janela" de fundo branco do tamanho da palavra a ser aplicada na parte inferior do "slide" e sobre ela aplicar a palavra em letras pretas. Brilhante !!! Só tinha um porém. Só podia ser feito em laboratório e ninguém tinha amigo dono de laboratório para conseguir o trabalho de graça.

A necessidade de usar um laboratório fotográfico confirmou-se quando, mais tarde, ficamos sabendo que disporíamos, ao invés de projetores de slides, de projetores de "strip films" isto é, uma tira contínua de filme em que cada fotografia (ou fotograma) estava "emendado" no anterior. Fazer a matriz do "Strip film" e reproduzi-lo, só em laboratório fotográfico e mesmo assim, não em qualquer um. Em outras palavras, era preciso pagar para ter os serviços de laboratório.

Felizmente começavam também a surgir perspectivas de recursos para sustentar a experiência.

Os recursos financeiros que sustentaram o trabalho de Helena Maria

Tudo o que havia sido feito até o momento da execução das fotografias não tinha outra fonte de receita que não fosse o bolso dos participantes do grupo e seus amigos. Felizmente, os custos eram baixos e sustentáveis até pelos bolsos vazios de estudantes. A única exceção, que fora a vinda de Paulo Freire e a sua estadia em São Paulo, tinha sido coberta pela UEE e pelo CRPE respectivamente.

Mas dali para frente, a começar do laboratório fotográfico, os custos iriam crescer e o trabalho em Vila Helena Maria não poderia continuar se não "pintassem" os novos recursos que estávamos buscando junto a UEE.

A sorte entrevistou e uma nova perspectiva se abriu para a obtenção destes recursos.

Estamos falando de Maio/Junho de 1963. Nesta época, o então deputado Paulo de Tarso

era o Ministro da Educação do Governo Jango Goulart. Ao tomar posse, uma das primeiras providências do Ministro foi convidar o Professor Paulo Freire para coordenar um Programa Nacional de Alfabetização, sobre a forma de uma campanha. E Paulo Freire aceitou.

Com isto, abriu-se a possibilidade de se realizar convênios entre o Ministério da Educação e instituições particulares que se dispusessem a trabalhar com alfabetização de adultos.

Rapidamente, nos articulamos com a PUC de São Paulo e conseguimos que ela apresentasse o projeto do MCP de alfabetização de adultos em Vila Helena Maria, responsabilizando-se pela administração dos recursos. Neste projeto, o MCP orçou todas as despesas previstas incluindo, a compra de uma kombi para o deslocamento dos monitores. Pelo projeto, o Ministério da Educação fornecia os projetores. Projetores importados da Tchecoslovaquia a preço muito baixo. Eram excelentes mas, para nós apresentavam uma dificuldade inicial. Não projetavam "slides" mas "Strip Filmes", o que nos obrigou, como já vimos anteriormente a alterar a execução dos nossos "slides".

No projeto, o nosso trabalho de educadores era voluntário. Aliás, nunca passou pela nossa cabeça, a possibilidade de remuneração pelo que fazíamos. Era um trabalho de militância que nos interessava fazer. Receber por isso estava completamente fora de cogitação. Não creio que fosse altruísmo, mas sim fruto das circunstâncias da época.

Contando com a cobertura da UEE, a respeitabilidade da PUC e o apoio de Paulo Freire, o projeto foi imediatamente aprovado. O mais impressionante é que os recursos não demoraram a chegar. Em agosto, já tínhamos todos os recursos necessários para o trabalho na Vila Helena Maria. Estava salva a Pátria !

As fichas de cultura

Paulo Freire havia percebido, como quase todos os que se dedicam à Educação de Adultos, a grande insegurança da população mais pobre quando se trata de assuntos relacionados com a atividade intelectual. Insegurança que se manifesta por um profundo sentimento de inferioridade e se expressa em frases do tipo: "minha cabeça não é boa pra isso", "não sou capaz de aprender estas coisas", "tenho a cabeça fraca", etc.

Na verdade, esta atitude de auto-desvalorização intelectual foi fortemente introjetada pela ideologia dominante e constitui um dos sustentáculos da sociedade autoritária em que vivemos. Ela produz efeitos muito negativos nas atividades da aprendizagem já que, julgando-se incapazes, os adultos populares nem tentam aprender. Freire achou que era preciso desmitificar esta idéia, ideologicamente introjetada, de que cultura era apenas a cultura da classe dominante.

A forma encontrada por Freire para esta desmitificação foi a de discutir com o povo o conceito antropológico de cultura. Para isto, codificou este conceito em uma série de desenhos. Esta codificação era apresentada aos adultos em "slides" e o educador estimulava a decodificação destas situações pelos adultos alfabetizando-os. Os resultados eram extraordinários e emocionantes. Principalmente quando se via os adultos descobrirem, e ficarem maravilhados com isto, que também eles faziam e tinham cultura. Apenas ela era diferente da cultura das outras classes sociais.

Esta discussão sobre a cultura era, também extremamente importante porque Paulo Freire entendia a alfabetização como a aprendizagem de um objeto cul-

tural. Esta forma de considerar a alfabetização representava uma mudança fundamental em relação as formas anteriores de pensar esta questão. Foi a primeira vez que aprender a ler e escrever deixou de ser vista como uma mera memorização e transcrição de grafemas e fonemas. No lugar da visão tradicional nascia uma outra que a partir daquele momento não pôde mais ser ignorada. Esta visão da escrita como objeto cultural já trazia consigo muitas das idéias que, apenas hoje em dia, estão fortemente presentes na fala dos alfabetizadores através da psicogênese da língua escrita. Entre estas idéias estão:

- o caráter histórico da escrita,
- a produção da cultura ; a produção da escrita,
- o direito aos bens culturais.

As fichas de cultura apresentavam o conceito antropológico de cultura através dos seguintes aspectos:

* a presença do Homem no mundo

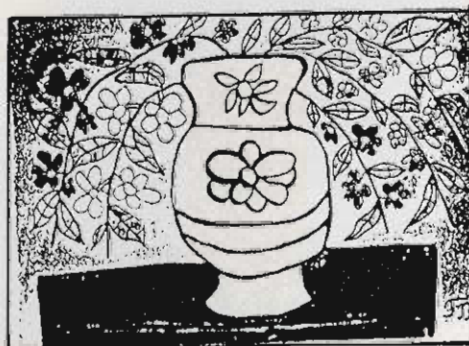
o homem como ser de relação : Homem / natureza



a presença do Homem no mundo



a transformação da natureza pelo Homem

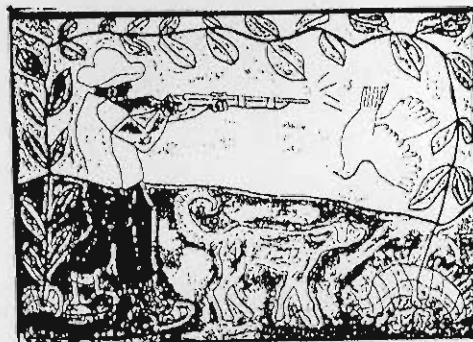
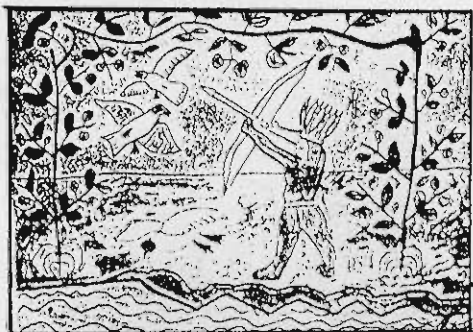


expressões culturais

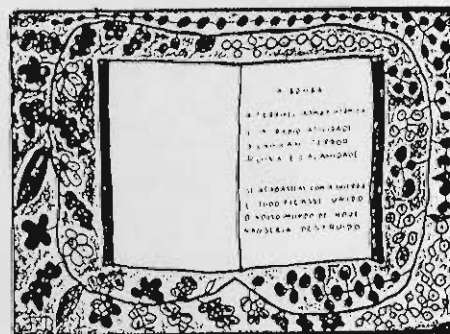
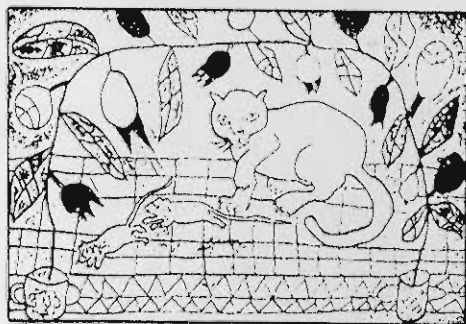


diferenças culturais

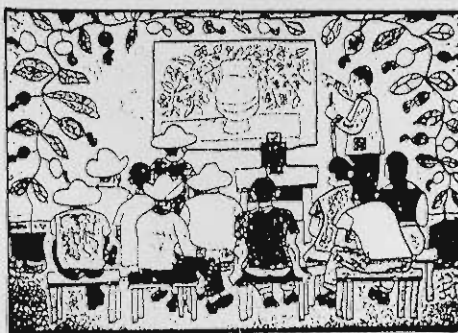
No final de 1963, o pintor pernambucano Francisco Brenan desenhcou, com extraordinária beleza, as "Fichas de Cultura"



historicidade da cultura



a escrita como cultura



círculo de cultura :
um momento de produção cultural

Homem / outros Homens

* a transformação da natureza pelo Homem

cultura como trabalho do Homem sobre a natureza.

cultura - resposta às necessidades do Homem

* expressões culturais

cultura - produção material : mesa

cultura - produção "imaterial" : música, arte

* historicidade da cultura

* diferenças culturais

* a escrita como cultura

* círculo de cultura : um momento de produção cultural

As fichas de cultura nos encantavam . Elas codificavam de

modo claro e objetivo muitas das idéias que desejávamos "levar" até ao povo, como :

- a idéia de que eram cultos, faziam cultura,

- que eram capazes de aprender,

- que não eram inferiores a nós.

Como não poderia deixar de ser, as "Fichas de Cultura" foram objeto de muita discussão. Fielis ao espírito de "recriar" Paulo Freire, nós do MCP, achamos que deveríamos modificar as fichas originais adaptando-as para situações mais urbanas, mais próximas das vividas no sul. Os códigos construídos por Freire tinham uma forte feição nordestina.

Foi este o motivo que nos levou a modificar as cenas que mostravam a historicidade da cultura. Infelizmente os anos posteriores de ditadura nos fizeram perder estas fichas de cultura usadas em Helena Maria. Ao invés de uma reprodução dos mesmos o leitor terá que se contentar com uma descrição deles. As cenas que anteriormente mostravam situações de caça (índio, caçador moderno, e gato caçando) deram lugar a desenhos que mostravam evolução dos transportes (homem andando de

bicicleta -elas eram frequentes em Osasco-, homens andando de ônibus e cavalo correndo). A situação do ônibus também nos agradava por mostrar uma situação de uso coletivo de um produto cultural. Acreditávamos que assim estaria presente a necessidade do desenvolvimento beneficiar todas as pessoas, bem como a ênfase nas soluções coletivas.

Uma outra mudança que fizemos foi no primeiro quadro. Ele mostrava um homem cercado por objetos da natureza e da cultura. Resolvemos introduzir ao lado do homem o desenho de uma mulher. Sabíamos que o Homem dos desenhos anteriores significava o Ser Humano mas se aparecia uma figura masculina porque não aparecer também a figura feminina?

Mantivemos o código na forma de desenho e não de fotografia porque nos pareceu que o desenho representaria melhor já que era uma representação de idéias e não da realidade concreta.

Feitos os desenhos por mãos amigas, estávamos com as fichas de cultura prontas para serem fotografadas e usadas.

Achávamos fundamental fazer um bom trabalho com estas fichas de cultura, porque acreditávamos

que elas trariam para os alfabetizando a consciência de que eram pessoas capazes e portanto aprenderiam a ler e escrever num tempo pequeno.

Durante o trabalho percebemos que deveríamos ter dividido as fichas em pequenos blocos, e ir apresentando-os para discussão ao longo do processo de alfabetização. Esta idéia foi ganhando corpo quando vimos o imenso número de questões que cada quadro suscitava .

No grupo que coordenei aconteceu uma coisa interessante. Depois de um certo tempo , um dos educandos sugeriu que as fichas de cultura fossem novamente apresentadas para que pudessem escrever sobre elas.

Quando perguntei porque voltar às fichas um dos educandos respondeu que aqueles desenhos fizeram ele se sentir muito importante. Disse que durante várias noites , quando dormava a dormir ficava pensando nos desenhos e nas conversas que tivemos à partir deles. Pensando nestas coisas descobriu que merecia ter luz em casa. Começou, então, a conversar com os vizinhos para organizar uma ida até a "light" para brigar pela luz. Uma frase do

José , este educando, me marcou muito naquela época : "eu pensava que valia tão pouco que nem precisava ter luz em casa."

A formação dos círculos de cultura

Bairro escolhido, pesquisa do universo vocabular realizada, material didático montado era chegada a hora de definir, em Vila Helena Maria, os locais onde os círculos de cultura funcionariam e fazer as inscrições dos educandos.

Durante a realização da pesquisa ganhamos familiaridade com o bairro o que tornou fácil saber onde existiam locais disponíveis que pudessem acomodar de 15 a 25 pessoas para os círculos.

Estes locais eram muito poucos num bairro relativamente novo e pobre. Tentamos conseguir local junto a igreja católica e a um centro espírita. Não conseguimos: o padre nos disse que alfabetização não ficava bem na igreja e o pai de santo do centro espírita alegou que lá não havia necessidade de alfabetização porque "a leitura do espírito supria a carência da leitura das letras".

Alugamos, por um período de dois meses (tempo que definimos para a experiência): uma sala que ficava nos fundos de um bar e que servia, anteriormente, como depósito de bebidas; uma garagem (que comportou 2 grupos) na parte alta do bairro, lado direito de quem chegava.; e uma loja em fase final de construção. Para alguns destes locais alugamos também um "bico de luz". Esta era uma prática frequente em Helena Maria. Grande parte das casas não tinham luz direta da rua. Quem era dono da ligação oficial "alugava" a eletricidade para seus vizinhos. A cobrança era feita pelo ponto de luz chamados "bicos". Mensalmente, o preço variava dependendo do consumo alcançado. Havia "bicos" mais caros que a própria conta oficial de luz.

Os outros espaços foram conseguidos junto a Secretaria da Educação do Estado. Eram 2 galpões de madeira onde funcionavam classes de crianças durante o dia. Tinham vantagens como o bom tamanho e a presença de quadro negro e carteiras.

Zeca e eu tivemos nossos círculos num destes galpões. O que ficava num dos limites do bairro. Era uma área relativamente nova, as casas estavam quase todas em construção e havia muitos terrenos vazios. As ruas não eram pavimentadas e

quando chovia a kombi não conseguia chegar lá e tínhamos de ir patinando até uma rua de terra mais firme.

A procura dos analfabetos

Era chegado o momento da matrícula. Como bons usuários da escrita nos reunimos para fazer os cartazes que espalhamos pelo bairro. As inscrições não vieram e quando nos queixávamos com o dono da padaria deste fato, ouvimos dele a explicação óbvia: "aqui tem muito pouca gente capaz de ler os cartazes e os que leem não precisam do curso de vocês."

Assim, mudamos de tática. D. Helena falou com um amigo que fazia propaganda de lojas usando um auto falante instalado numa pequena caminhonete e lá fomos nós com o motorista anunciando, entre uma propaganda e outra, os cursos de alfabetização.

Melhorou bastante a procura, mas ainda não era a que esperávamos. Resolvemos, então ser mais radicais. Se a montanha não vinha a Maomé, Maomé decidiu ir até a montanha. Partimos para uma ação direta de corpo a corpo. Escolados pelas entrevistas feitas na pesquisa do universo vocabular, fomos visitar

casa por casa em busca dos analfabetos adultos.

Só aceitávamos as inscrições de quem não era capaz de ler e escrever. Pedíamos que os outros esperassem por uma 2a. etapa.

Muita gente apareceu porque queria aprender a fazer contas. Queriam conferir o troco do ônibus e o pagamento do famoso "bico" de luz.

Realizamos aproximadamente 240 inscrições e formamos 9 círculos de cultura.

Criticidade

Acreditávamos que a alfabetização ligada a realidade dos educandos era capaz de criar uma consciência mais crítica desta realidade. Para ter um parâmetro desta avaliação, decidimos realizar uma entrevista com cada um dos inscritos. Esta entrevista nos daria, além dos dados pessoais, alguns elementos relacionados a visão que tinham do mundo em que viviam. As perguntas eram poucas e também deveriam surgir de uma conversa com o entrevistador. Entre as questões estavam:

- Por que você quer aprender a ler e escrever?

- Para você o que pode melhorar o Brasil?

- Na sua opinião existe assombração, mula sem cabeça, fantasma, etc. Por que você acredita ou porque não acredita nisso..

As respostas vieram rápidas e mostraram forte dose de senso comum. Os motivos mais apontados para o saber ler e escrever foram:

- conseguir emprego,
- melhorar de trabalho,
- tirar título e votar,
- escrever carta para parentes,
- ler a bíblia,
- cantar na igreja,...

Na questão da melhoria do país as respostas apontavam sempre faltas ligadas aos governantes, como: faltam bons políticos; falta quem olhe para o povo. A ditadura (experiência ligada a Vargas) apareceu em várias falas como solução para melhorar a situação de todos.

Quanto a crença em assombrações as respostas foram divididas de modo bem equilibrado. Os que acreditavam justificavam sua crença com contando casos que presenciaram ou ouviram contar quando viviam na roça.

Quando estávamos terminando a fase da alfabetização refiz estas questões com o minha turma. Lembro-me de que quem acreditava em "mula sem cabeça" continuava acreditando, mas quanto o que poderia melhorar o Brasil as respostas foram bem diferentes:

- maior união do povo,
- mais escola para todos,
- vida melhor na roça,
- salário mínimo mais alto...

Um círculo de cultura no fundo de Helena Maria

Como já disse, fui com o Zeca para um dos galpões de madeira, o que ficava no fundo do bairro, num pedaço conhecido como Munhoz.

O meu grupo era formado por muitos mineiros. A maioria tinha poucos anos vividos em Osasco (de 2 a 4 anos). O número de homens e de mulheres era equilibrado. Todos tinham mais de 20 anos, coisa muito rara hoje, quando os adolescentes são maioria nos cursos para adultos.

Só 2 ou 3 tinham passado pela escola. Quando muito, tiveram do lado um alfabetizado que lhes ensinou a "carimbar" o nome. Esta é outra situação totalmente diferente da encontrada hoje, nos cursos de alfabetização onde a imensa maioria dos educandos já esteve na escola, muitas vezes por 3 ou 4 anos. Pena que foram expulsos de lá sem conhecer a língua escrita!

Boa parte dos alfabetizados do grupo que coordenei trabalhava no centro ou nos bairros mais industrializados de Osasco. Os homens eram na maioria pedreiros ou ajudantes gerais. As mulheres eram, em maior número, empregadas domésticas. Havia uma cozinheira de bar, 3 ou 4 operárias e também 4 ou 5 que não trabalhava fora de casa.

A mais velha do grupo era D. Ana, uma mulher negra, miudinha e muito esperta, com mais de 60 anos e que morava na casa da filha. Foi ela a primeira a chegar um dia muito

feliz contando que olhou para um ônibus e "os desenhos do letreiro viraram letras e vi a palavra LAPA". D. Ana não parava de falar do seu encanto. Dizia de foi igual ao dia que pôs óculos pela primeira vez "vi tudo que já estava lá mas era como se não estivesse porque não dava pra ver."

Todos moravam em casas de tijolos, com telhas de cerâmica e geralmente com cozinha, sala, e quarto. Muitas das casas estavam em construção geralmente feita em mutirão. O terreno era relativamente espaçoso e sempre sobrava lugar para as crianças brincarem. Em algumas das casa havia até uma pequena horta.

As famílias almoçavam e jantavam arroz, feijão e uma "mistura". Mesmo assim, quando discutimos o trabalho da cozinheira foi muito enfatizada como vantagem da profissão o poder comer dos pratos que fazia e assim passar bem.

Os educandos chegavam ao local do curso pouco antes das 19:00 horas. Antes, tinham tido tempo de jantar e, em muitos casos, de tomar banho.

Para os educandos de Helena Maria saber ler e escrever significava uma grande possibilidade de ascensão profissional. No final do período em

que mantivemos os círculos de cultura tive, no meu grupo, 2 educandos que passaram a exercer funções diferenciadas das que faziam por terem sido considerados alfabetizados. É verdade que esta possibilidade aumentava ou diminuía dependendo do trabalho que o educando executava mas, ela existia.

A religião da maioria dos participantes do meu grupo era a protestante. Uma noite, o pastor de uma das igrejas do bairro foi nos visitar porque o "curso" começou a ser muito falado na sua igreja e ele havia ficado curioso com o que as pessoas diziam. Ele ficou um certo tempo na sala e quando saiu me disse que agora entendia porque as pessoas gostavam e aprendiam no curso: "é uma escola onde os alunos podem falar bastante e isto faz aprender."

Por diversas vezes, estive pensando nos possíveis motivos do grande e rápido progresso dos educandos de Helena Maria. Um destes motivos para mim, foi o fato de que aquelas pessoas, mesmo sem saber ler tinham uma certa intimidade com a escrita. Viviam com a Bíblia na mão.

Lembro-me da alegria de D.Maria quando um dia, escreveu no quadro negro e depois leu em voz alta a palavra Samaria. Ela

dizia que leu a palavra porque era formada pela SA de sarilho e MARIA, seu próprio nome. No dia seguinte trouxe a Bíblia com uma marca na página onde havia lido a palavra "Samaria. Passando o dedo pelo texto, D. Maria dizia que lá estava escrita a história de um homem da Samaria que havia socorrido um estranho que pedia socorro. Ela recitava de cor a história do Bom Samaritano. Ao mesmo tempo afirmava que lá estava escrito tudo o que ela dizia. Peguei a Bíblia com a intenção de ler o texto. Só então, percebi que a palavra Samaria estava lá, mas o texto falava da divisão política da Palestina. Mudei de idéia para não desapontá-la.

Mas, história à parte, quando anos depois conheci as pesquisas de Emília Ferreiro encontrei explicação para várias das situações que constatei na relação com os alfabetizandos. Percebi, então, que atitudes como a da D.Maria já revelavam muitas conquistas no processo de aquisição da leitura e da escrita.

O trabalho de alfabetização

Para o trabalho de alfabetização dispúnhamos de um projetor e de dois rolos de strip-film.

O strip- film apresentava esta sequência:

a) a foto que introduzia o tema e a palavra geradora,

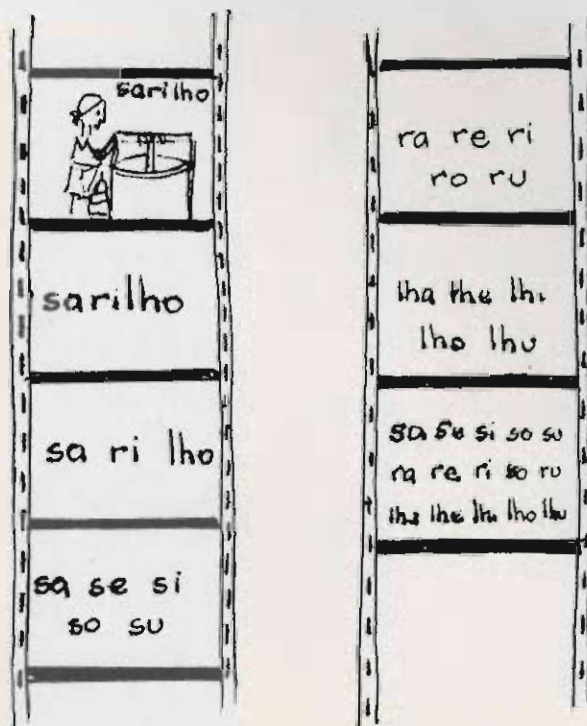
b) a palavra geradora,

c) a palavra geradora separada em sílabas,

d) as famílias silábicas, separadamente,

e) a ficha da descoberta, ficha síntese com todas as famílias

silábicas.



Com a projeção da foto (código) do tema gerador começávamos a discussão, ou melhor, o estudo da realidade ligada à palavra que ia ser estudada.

— "O que estamos vendo aí?"

E sempre começavam a surgir nomes de coisas que apareciam na fotografia. De repente, alguém arriscava um comentário e até mesmo uma história, um caso.

— "É um home que tá ajudando fazê a casa da prima dele."

Pronto. Bastava um comentário como este para que todos esquecessem os detalhes da foto para trazer o assunto para a situação e experiência deles:

- o preço da construção;
- o trabalho do pedreiro;
- a marmitta que a mulher do pedreiro faz de madrugada;
- a construtura onde muitos querem conseguir trabalho porque trata melhor seus empregados;
- o mutirão para levantar a casa dos amigos e parentes;

- a fabricação doméstica de tijolos...

Depois chegava a hora de trabalhar a escrita da palavra ligada ao tema discutido.

A participação nas discussões foi crescendo rapidamente no grupo que coordenei. Desde o começo, havia algumas pessoas com facilidade para verbalizar suas idéias e sentimentos. Os mais tímidos, talvez empurrados pelos mais falantes, começaram falando sobre o que tinham maior segurança e certeza. Depois, foram gradativamente perdendo o medo e se expondo mais. Acredito que a penumbra criada pelo projetor ajudava a vencer este medo de falar. O fato dos temas estarem fortemente presentes na vida de todos era um outro fator decisivo para a participação e interesse de todos. As falas de uns eram muitas vezes contraditórias em relação as dos outros, mas sempre senti em todos uma preocupação em não magoar o colega por causa de suas idéias diferentes. Acredito que, se esta preocupação não tivesse sido tão forte ou se eu tivesse conseguido trabalhar melhor com ela, poderíamos ter avançado mais em alguns dos assuntos tratados.

Sempre estive atenta em trazer os assuntos que dis-

cutíamos para os momentos de escrita. Da mesma forma, muitas vezes um texto escrito alimentava ou dava origem a uma forte discussão. Acredito que esta prática fez com que os educandos valorizassem muito os momentos de discussão pois consideravam estes momentos como preparatórios para a escrita que tanto queriam saber.

Cada dia ,ou melhor noite, começava com um rápido relembra do dia anterior. Só depois íamos em frente.O strip-film facilitava muito este rever o já estudado. Bastava girar um botão para adiantar ou atrasar o filme. Os educandos gostavam muito desta prática de rever o caminho já percorrido. No meu grupo ninguém queria chegar atrasado para não perder este momento. Acredito que gostavam disso porque sentiam concretamente que estavam progredindo . Eram frequentes os comentários do tipo: -"Olha, lá a feira! Como penei pra escrevê esta palavrinha!". ; -" Agora vem o sarilho! Foi nesse dia que a gente viu como a água limpa ajuda na saúde de todo mundo." " Eu achei que ia sê uma dificuldade pô essa palavra na cabeça. Agora, ficou uma facilidade. " ; - " Nossa! olha o VOTO ! Como a Maria falou naquele dia ! Vocês tão se lembrando? Ela parecia um candidato..."

Depois da escrita da palavra/tema era apresentada a sua divisão silábica. Na fala todos encontravam facilidade em dizer em quantos "pedaços" a palavra era formada. Entretanto a mesma facilidade não era encontrada na hora de relacionar os "pedaços" com os seus fonemas. A maior parte dos participantes fazia progressos sensíveis a medida que íamos avançando no tempo.

O momento da "ficha da descoberta" era o mais comemorado no trabalho com as primeiras palavras. Cada palavra descoberta era festejada ao mesmo tempo que era cuidadosamente anotada em todos os cadernos. Tal como havia acontecido com o código inicial de apresentação da palavra, tínhamos sempre a preocupação de relacionar cada palavra escrita ao seu significado e contexto. Havíamos aprendido com Freire que a palavra escrita não se dissocia da sua significação nem do seu contexto. Talvez por isso, os alfabetizando foram logo se arriscando na escrita de frases. Os jornais e revistas que começamos a levar para a sala de aula e que se somavam a outros que os participantes traziam contribuíram também para este fato.

Uma noite, ao apresentar uma nova palavra/tema percebi

admirada que para muitos aquela palavra não trazia nada de novo, quanto a sua escrita. Foi uma das alfabetizadas que me explicou como iam aprendendo: "quem lê a metade de uma palavra advinha a outra metade por causa do assunto, do lugar, onde a palavra está, e de tanto advinhar, um dia descobre que já sabe lê." Fatos como este mostram claramente como os alfabetizando atuavam sobre a escrita no momento em que se acercavam dela com a intenção de apreendê-la.

Numa outra noite, a kombi que nos levava atrasou e quando cheguei na sala o quadro negro estava cheio de frases, de vários assuntos ligados ao trabalho e afazeres dos seus autores. Animada com o que vi combinamos que todos os dias começaríamos escrevendo e lendo sobre assuntos que achávamos interessantes. Esta prática foi mantida até o final do curso e fez com que usássemos do script-filme apenas a foto que introduzia a nova palavra. A partir desta foto iam nascendo pequenos textos ora individuais, ora de duplas.

Mas eram os textos sugeridos pelo dia a dia e principalmente pelo que se ouvia no rádio, os que passaram a despertar maior interesse.

No dia do assassinato do presidente Kennedy encontrei no quadro, esta frase: "Mataru o Qenedi purge elegria apazi e deu direito para os negro." (Mataram o Kennedy porque ele queria a paz e deu os direitos para os negros.)

Fiquei logo sabendo que a frase tinha sido escrita em 3 etapas por diferentes educandos. O começo "Mataru Qenedi" foi feito por um dos rapazes com a intenção de dar a notícia a todos. Uma das alunas achou que não estava completa a notícia e pediu ao autor para continuar: "purge elegria apazi" Ainda não satisfeito, um outro educando completou com sua escrita, sensivelmente mais dentro dos cânones oficiais: "e deu direito para os negro." Tomamos esta frase como objeto do nosso estudo e a partir dela discutimos e aprendemos:

- como a gente fala de um jeito e escreve de outro. (purge - porque., mataru/mataram...)

- como palavras estrangeiras são escritas e lidas nas regras da sua língua de origem. (Qenedi - Kennedy)

- como as palavras mudam facilmente quando são apenas ouvidas. (mataru / mataram...)

- a importância dos Estados Unidos,

- o que faz um presidente,

- a questão racial nos Estados Unidos e no Brasil

Mas nem tudo foi tranquilo e fácil no trabalho.

A proposta de Paulo Freire emergia da crítica a duas situações muito significativas para nós, estudantes:

- a crítica ao autoritarismo sempre presente na nossa história pessoal e nacional, e

- a crítica à escola brasileira. Escola verbalista, autoritária, distante da realidade onde se encontrava.

Se a denúncia era ponto de partida a proposta pedagógica buscava a superação do autoritarismo e a transformação da escola.

Não era difícil perceber a presença autoritária nos mais diferentes fatos do dia a dia e nas mais variadas relações que nos cercavam. Difícil era viver uma relação dialógica e democrática fora e dentro da prática educativa.

Em alguns momentos o medo de cair em práticas autoritárias

nos levaram a certas atitudes, que mais tarde ganharam o nome de basistas.

Este mesmo medo , outras vezes nos impediu de participar mais livremente do "círculo de cultura" e de ser mais um participante, no grupo. Isto acontecia porque não tínhamos percebido claramente que toda educação tem uma direção, um sentido previamente determinado. Logo, nosso trabalho era também diretivo. O que não poderia ser, era manipulador.

E como esta questão era conflitiva!

Muitas vezes a questão do diretivismo /não diretivismo foi objeto das nossas discussões dentro do MCP. Afinal , havíamos escolhido a alfabetização e a metodologia Paulo Freire porque encontramos nesta metodologia uma forma de agir educativo coerente com a opção política que tínhamos, fruto de uma visão de Homem e de mundo.

Era evidente que queríamos que esta visão se irradiasse, ganhasse das outras que se opunham a ela. Entretanto, confundíamos este legítimo trabalho de convencimento que o educador deve fazer com a imposição autoritária de quem vence pela força que tem.

Assim, por temer tanto o direcionamento, acabamos tendo nossos momentos espontaneistas.

Visita de Paulo Freire

Quando estávamos com os "círculos" em funcionamento, Paulo Freire passou por São Paulo e quis visitar um deles. Como a minha turma era muito desinibida foi a escolhida para a visita. Expliquei para todos que naquele dia tínhamos uma visita especial porque estava entre nós a pessoa que havia desenvolvido o jeito de aprender a ler e escrever que estávamos usando. Houve um momento de extremo silêncio. Eu estava espantada porque as pessoas que via com tanta descontração pareciam, naquele momento, extremamente tímidas.

De repente, um deles se levantou , foi até o lugar onde o Paulo estava e o cumprimentou de modo bem formal (muito prazer...). Um por um foi fazendo o mesmo. Estavam todos super compenetrados!

Lembro-me que foi o Paulo quem começou a falar. Falou de sua infância , do que estava fazendo em Brasília e talvez para sentir o grupo perguntou como eles viam o momento que o país vivia. Foi aí, que o José

Antônio se animou e disse que todas as noites quando eles chegavam naquela sala, ela estava arrumada de um certo jeito e que este jeito não era o melhor para eles. Eles, então iam mudando aquela arrumação por outra que servia a eles. Na visão dele o Brasil era como aquela sala: precisava ser arrumada de novo para servir pro povo. Cidinha, muito esperta, completou dizendo que isso era fazer "reformas de base", expressão muito usada naquela época.

Nos dias seguintes, a visita do Paulo Freire foi lembrada nos mais variados momentos e foi motivo para muita conversa e escrita.

Final da experiência de Vila Helena Maria

No final de novembro de 63, encerramos os "círculos de cultura". Para todos nós, estava evidente que o período de 2 meses que estivemos em Vila Helena Maria tinha sido pequeno. Achávamos que se tivéssemos mais um mês teria sido muito proveitoso para todos. Tínhamos, também, a certeza da necessidade de dar continuidade ao projeto cuja primeira etapa estávamos terminando.

Sentíamos que os educandos haviam feito grandes progressos quanto a aprendizagem da leitura e da escrita. Havia também se tornado mais seguros de si, mais desembaraçados na vida diária e também mais desafiados em relação ao que viam e sentiam. Mais do que nunca, faziam muitas perguntas e tínhamos a certeza que deveríamos estar com eles buscando as respostas.

Havíamos também nos comprometido com muitos dos moradores do bairro a realizar num segundo momento um curso que abrangesse o ensino da matemática.

Para pensar nesta continuidade do projeto de alfabetização tinha sido criada uma pequena equipe com educadores especialistas em diferentes áreas do conhecimento. Os participantes desta equipe começaram o seu trabalho fazendo visitas aos "círculos de cultura" para conhecer o que estava sendo feito e sentir concretamente a realidade dos educandos.

Esta equipe teve, também, acesso a todo o material que dispúnhamos sobre a metodologia Paulo Freire. Isto era muito importante para nós, porque queríamos manter a mesma linha de trabalho.

Planejávamos continuar utilizando os temas geradores como eixos centrais. A idéia era começar com temas ligados ao espaço físico mais próximo do educando para ir gradativamente atingindo temas mais distantes e abrangentes.

Achávamos importante explorar de forma mais organizada os conhecimentos ligados a história e geografia.

O grande desafio estava em buscar desenvolver um trabalho que permitisse o acesso ao conhecimento socialmente sistematizado sem perder a relação constante com os conhecimentos já produzidos pelos educandos .

O medo de repetir a escola era muito grande. Afinal, como estudantes que éramos, concordávamos plenamente com a crítica que Paulo Freire fazia em relação ao caráter autoritário da escola, à sua matriz alheia a nossa realidade de Brasil e ao seu modo de compreender a produção do conhecimento.

Mais tarde, fomos aprendendo com o povo, que fazíamos estas críticas porque éramos parte dos privilegiados que passaram pela escola. Aí então, entendemos que só critica a escola quem passou ou passa por ela. A imensa maioria da população só a

deseja, na crença dela ser o caminho para uma vida melhor.

Mas, nossas críticas nos conduziam a procura de novos caminhos para a segunda etapa do projeto de alfabetização.

Desdobramento do projeto da UEE

A UEE havia divulgado o trabalho de Vila Helena Maria por todo o estado. Era imenso o interesse de grupos de universitários em realizar um trabalho semelhante em várias cidade do interior de São Paulo.

Todos os fins de semana havia a UEE volante, uma caravana que saía de São Paulo e ia para o interior divulgar as atividades da UEE, bem como levar peças de teatro, apresentar shows musicais. O MCP participava destas viagens e assim visitamos os núcleos estudantis de várias cidades como: Campinas, Sorocaba, São José dos Campos, Ribeirão Preto, Rio Preto, Lins, Rio Claro, Botucatu...

Alguns destes núcleos iniciaram rapidamente a pensar em realizar um projeto de alfabetização.

Plano Nacional de Alfabetização (PNA)

Em janeiro de 64, o Plano Nacional de Alfabetização foi oficializado.

Apoiado pelo PNA a UEE organizou núcleos de cultura popu-

lar em muitas cidades. Vários destes núcleos desejavam realizar trabalho de alfabetização de adultos.

Para o início dos trabalhos de alfabetização foi preparado um grande "Encontro de formação de coordenadores de círculos de cultura" para o começo de março. A coordenação deste encontro ficou com o nosso grupo, afinal éramos os únicos a ter vivenciado um trabalho desta natureza, nosul.

O encontro aconteceu durante num final de semana prolongado, na Cidade Universitária da USP, com a presença dos estudantes e de vários professores foi grande. Mas, não faltaram jornalistas, sindicalistas, bancários...

Nesta preparação dos educadores/alfabetizadores seguimos o mesmo esquema do curso que a equipe do SEC tinha desenvolvido conosco: análise da realidade brasileira, o papel da educação nesta realidade, a questão da alfabetização, cultura popular /saber popular, metodologia da alfabetização.

Também em março, retomamos as idas a Helena Maria. Desta vez não estivemos só nas visitas domiciliares que fizemos. Havia sempre alguma das educandas nos acompanhando. Quando não podiam

ir, mandavam um dos filhos para nos fazer companhia. (Estas delicadezas são conhecidas de praticamente todos os alfabetizadores de adultos. Hoje em dia, quando a segurança se tornou tão sério problema, os educandos acompanham o educador até que ele pegue o ônibus ou até que chegue em casa.)

Nestas visitas anunciávamos para abril o começo da 2a. etapa dos "círculos de cultura". As inscrições iam estar abertas a todas as pessoas interessadas.

Dia dia 31 de março, o golpe nos surpreendeu mudando radicalmente todos os nossos planos.

Conclusões

Os resultados obtidos em Vila Helena Maria foram bastante positivos. Apesar de não termos realizado um levantamento mais rigoroso em relação aos resultados, um breve trabalho de avaliação no final da experiência, mostrou que 69% dos alfabetizados que participaram dos "círculos de cultura" foram considerados alfabetizados (capazes de se comunicarem por escrito). A evasão foi praticamente nula.

Quais os fatores que teriam contribuído para estes resultados?

Não é fácil responder a esta pergunta, principalmente agora depois de tantos anos. Mas, mesmo assim, arriscaremos algumas considerações, destacando três pontos que nos parecem importantes:

1- As condições de vida dos educandos de Vila Helena Maria.

Os adultos analfabetos sempre fizeram parte da população mais pobre e explorada. Esta afirmação é também verdadeira em relação aos educandos de Vila Helena Maria.

Eram migrantes, executantes das tarefas mais desprezadas pela sociedade, moradores das áreas mais distantes da periferia.

Apesar de tudo isto, estávamos em 1963 e o capitalismo brasileiro vivia um estágio bem diferente do que conhecemos hoje. A exploração do trabalho não havia ainda assumido a extensão que conhecemos agora.

Desta forma, principalmente no sudeste e sul do país os adultos analfabetos dos primeiros anos da década de 60,

viviam numa situação de pobreza mas não de miséria.

Como já foi relatado, durante esta memória, os educandos de Vila Helena Maria tinham um trabalho que lhes garantia o essencial para viver. A situação de desemprego era rara. Todos moravam em casa de alvenaria, por eles chamada de "casa de material" e que ia crescendo de acordo com o dinheiro que a família ia conseguindo.

O salário pequeno dava para a alimentação básica.

O tempo gasto no deslocamento entre o trabalho e a casa dificilmente ultrapassava 1 hora. Este fato permitia aos trabalhadores estar em casa por volta das 19:00 horas.

As mulheres com filhos pequenos geralmente ficavam em casa. As que eram diaristas não trabalhavam todos os dias, o que tornava esta atividade muito atraente para as mulheres casadas.

Os apelos ao consumo não tinham ainda adquirido as sofisticções dos nossos dias o que, sem dúvida, ajudava a tornar um pouco maior os salários.

Evidentemente que as dificuldades existiam. Em referên-

cia a Vila Helena Maria elas se relacionavam principalmente quanto a falta de saneamento básico. Por ser um bairro novo não havia luz instalada legalmente em todas as casas. A água utilizada pela população era retirada da cisterna. Muitas das ruas não possuíam nenhum tipo de cobertura.

Mas, sem dúvida, a situação socio-econômica vivenciada pelos educandos de Helena Maria contribuíram para os resultados obtidos. Eles tinham o "espaço na cabeça" de que uma alfabetizanda de hoje (1992) nos diz: "Venho aqui mais para descansá. Minha cabeça anda cheia demais: desemprego dos filhos, doença do velho, gritaria dos meninos, confusão com os vizinhos, falta de dinheiro. Eu acho que só quando esvaziá um pouco a minha cabeça é que vai tê lugar pras letra entrá."

2. Uma alfabetização centrada no pensar

Acredito que a experiência de alfabetização de Vila Helena Maria teve sucesso porque entendeu a proposta de Paulo Freire como ato de conhecer algo maior que a memorização de numerosos bas, bes, bis, bos, bus.

A certeza de que os alfabetizando eram capazes de aprender porque, como nós, eram capazes de pensar foi um dos pontos de honra dentro do projeto.

Esta certeza que nos vinha do reconhecimento da produção cultural dos grupos populares, nos animava a desafiá-los a entrar dentro da lógica da escrita para ao analisá-la descobrir seus "segredos".

Sabíamos também, que o caminho do conhecer passava pelo observar, comparar, diferenciar, concluir passava, enfim, por operações intelectuais nem sempre estimuladas pela sociedade em que vivíamos. Esta constatação nos levou ao entendimento de que estas atitudes deveriam ser estimuladas nos círculos de cultura.

Também com Freire aprendemos que a leitura da palavra não pode estar dissociada da leitura do mundo. Texto e contexto caminham sempre juntos. Este fato nos levou a buscar uma integração entre os conhecimentos, que os educandos já traziam, com a escrita, novidade que buscavam.

No trabalho de Vila Helena Maria não tínhamos cartilha, comportamento muito enfatido

naquele tempo, nas experiências inspiradas em Paulo Freire.

Mas, vivíamos numa época em que os mimeógrafos eram poucos, grandes e caros portanto, distantes das nossas mãos. A xerox ainda não havia descoberto o Brasil. Entretanto, esta aparente carência material acabou gerando nossa grande riqueza pedagógica. Tivemos que centrar nossas ações em textos que não foram feitos para ensinar a ler, mas sim, para ler. É o caso dos jornais, revistas, etc...

Sem ter grande clareza da importância do que estávamos fazendo, centramos nosso trabalho na própria ação sobre a escrita. Não uma escrita desfigurada para se tornar escolar mas uma escrita viva, desafiadora por se apresentar da mesma forma que era usada fora da escola e por representar as questões do mundo onde nossos educandos tentavam viver melhor.

3. A motivação política formou e manteve o grupo de educadores

O trabalho de alfabetização de adultos em Helena Maria foi um típico produto de universitários engajados política-

A certeza de que os alfabetizando eram capazes de aprender porque, como nós, eram capazes de pensar foi um dos pontos de honra dentro do projeto.

Esta certeza que nos vinha do reconhecimento da produção cultural dos grupos populares, nos animava a desafiá-los a entrar dentro da lógica da escrita para ao analisá-la descobrir seus "segredos".

Sabíamos também, que o caminho do conhecer passava pelo observar, comparar, diferenciar, concluir passava, enfim, por operações intelectuais nem sempre estimuladas pela sociedade em que vivíamos. Esta constatação nos levou ao entendimento de que estas atitudes deveriam ser estimuladas nos círculos de cultura.

Também com Freire aprendemos que a leitura da palavra não pode estar dissociada da leitura do mundo. Texto e contexto caminham sempre juntos. Este fato nos levou a buscar uma integração entre os conhecimentos, que os educandos já traziam, com a escrita, novidade que buscavam.

No trabalho de Vila Helena Maria não tínhamos cartilha, comportamento muito enfatido

naquele tempo, nas experiências inspiradas em Paulo Freire.

Mas, vivíamos numa época em que os mimeógrafos eram poucos, grandes e caros portanto, distantes das nossas mãos. A xerox ainda não havia descoberto o Brasil. Entretanto, esta aparente carência material acabou gerando nossa grande riqueza pedagógica. Tivemos que centrar nossas ações em textos que não foram feitos para ensinar a ler, mas sim, para ler. É o caso dos jornais, revistas, etc...

Sem ter grande clareza da importância do que estávamos fazendo, centramos nosso trabalho na própria ação sobre a escrita. Não uma escrita desfigurada para se tornar escolar mas uma escrita viva, desafiadora por se apresentar da mesma forma que era usada fora da escola e por representar as questões do mundo onde nossos educandos tentavam viver melhor.

3. A motivação política formou e manteve o grupo de educadores

O trabalho de alfabetização de adultos em Helena Maria foi um típico produto de universitários engajados política-

mente. Acreditamos que o sucesso obtido foi também consequência desse fato. A motivação que sustentava o grupo e que permitiu uma dedicação ampla e duradora ao projeto, não se esgotava na tentativa de apropriação de um novo instrumento metodológico para alfabetização. Era antes de tudo um esforço de participação num processo mais amplo de transformação social que acreditávamos eminente.

Nossa geração crescera após o final da ditadura de Getúlio. Beneficiara-se do clima de liberdade de manifestação política garantido pela Constituição de 46. Neste clima, as tensões geradas pela disputa de poder não se limitavam aos centros decisórios mas extravasavam para outros segmentos da sociedade. A imprensa falada e escrita, sem o fantasma da censura, e o advento da televisão tornaram a mídia um poderoso instrumento de formação da opinião pública. Encarregaram-se de tornar a década de 50 (em que crescêramos) extremamente rica quanto ao debate político. Um debate muitas vezes limitado a um moralismo mesquinho, centrado quase sempre em interesses eleitorais. Mas, de qualquer forma, uma discussão em que emergiam os problemas nacionais.

O governo de Juscelino, na segunda metade da década, intro-

duzira o desenvolvimentismo como bandeira de governo. Sua promessa eleitoral de fazer que no seu governo o Brasil crescesse "cinquenta anos em cinco" empolgou a nação. As elites encararam a construção de Brasília e a implantação da indústria automobilística como oportunidades para negócios e sustentaram o governo.

A fundamentação ideológica para seu projeto de governo foi dada pelo ISEB(1). Este aglutinou uma parcela significativa da intelectualidade progressista da época. Transformou-se no espaço gerador de uma doutrina desenvolvimentista que identificava desenvolvimento com industrialização e centrava no exterior a principal responsabilidade pela miséria nacional. Como não poderia deixar de ser, nós universitários progressistas estávamos fortemente influenciados por esta visão.

Embora acreditássemos no desenvolvimento como forma de superação da miséria, percebíamos que profundas modificações políticas eram fundamentais para que o crescimento econômico não beneficiasse apenas os mesmos de sempre. Para isso tornava-se necessária a ampliação do poder popular. Em razão disso os organismos estudantis (UNE, UBES, UEEs, etc) começaram a desenvolver uma

política de alianças com sindicatos de operários, trabalhadores rurais, organizações de cabos e sargentos etc.

Nós também estávamos integrados neste esforço de fortalecimento das camadas populares. Acreditávamos que a alfabetização, por si mesma, já contribuiria para esta ampliação já que era proibido o voto do analfabeto. Além disso, o trabalho educativo junto às camadas populares, aumentando seu grau de consciência da realidade, parecia-nos fundamental para a construção desta nova sociedade pela qual aspirávamos.

Hoje, passados quase trinta anos, podemos perceber que esta motivação política mais ampla foi fundamental para o sucesso em Helena Maria. Ela sustentou o longo período e o árduo trabalho preparatório que antecedeu os 2 meses da alfabetização, sumariamente narrados neste mesmo texto. Serviu de elo de ligação entre os participantes, impedindo que os conflitos desintegrassem o grupo, apesar da demora entre a decisão inicial e a realização do trabalho.

O horizonte político mais amplo serviu também para que o grupo não se amesquinhasse tecnicamente. Não procurássemos repetir a experiência de Angicos mas contribuir com uma nova ex-

periência, aproveitando o pensamento freireano. Conseguimos com isto atender a própria recomendação de Paulo Freire sobre a necessidade de ser recriado a cada novo trabalho.

Os obstáculos encontrados, naturais em qualquer ação deste tipo, foram mais facilmente enfrentados ou contornados porque o grupo tinha uma postura de militância decorrente desta visão política.

Por outro lado, é bastante provável que o trabalho em Helena Maria tenha servido para sustentar e ampliar o compromisso político dos participantes do grupo. Praticamente todos o mantiveram ao longo destes anos. Quase todos engajaram-se em atividades ligadas à Educação e nelas têm-se destacado. Pode-se dizer que o trabalho em Helena Maria marcou significativamente aos que tiveram o privilégio de participar dele.

(1) União Estadual dos Estudantes

(2) Centro Regional de Pesquisas Educacionais

(3) Ação Popular

(4) Pontifícia Universidade Católica

(5) Inst. Superior de Est. Brasileiros

depoimento da semana PRIVILEGIADOS TEMEM A ALFABETIZAÇÃO DO POVO

José Carlos Barreto, coordenador-geral da Comissão Estadual de Cultura Popular de São Paulo e membro do secretariado da Frente Agrária de São Paulo, é o depoente desta semana. Com ele, a palavra.

POVO NO GOVERNO

"Não existe no Brasil, quem, a não ser por inconsciência ou má fé, duvide da necessidade de uma transformação radical do 'status quo' brasileiro. É a simples observação da evolução histórica e social do Brasil que aponta o caminho do povo para assumir as suas responsabilidades. Estamos, como afirma o Sr. Paulo Freire, em pleno processo de 'transição', isto é, saindo de uma 'sociedade fechada' para uma 'sociedade aberta'. Entretanto, é preciso que transformações sociais que se aproximam não sejam feitas 'apressa' do povo mas 'com' o povo. Somente assim terá uma evolução histórica no sentido amplo. Mudar artificialmente as estruturas, mesmo que para melhor, poderá quando muito oferecer melhores condições para a sociedade popular, mas não fará entrar em uma nova etapa histórica, quando o povo estiver participando da nova sociedade".

CULTURA POPULAR

Continua o Sr. José Carlos Barreto:

"Os grupos que fazem cultura popular no Brasil, têm procurado aproximar-se do povo e elaborar com ele os fundamentos de uma nova sociedade. Não se trata de difundir uma mensagem de transformação. Não somos agências de propaganda impingendo produto de pouca aceitação no mercado. Não vendemos idéias enlatadas. Nossa preocupação é a de que cada indivíduo tome consciência da situação em que vive, despertando-o para que faça alguma coisa no sentido de superar esta realidade e fornecer elementos para o julgamento do que poderia ser feito. Isto é feito através da valorização das obras culturais do povo. Não sei se os leitores já repararam, mas existe uma tendência entre o povo, de desvalorizar o que é seu.

Notamos a aspiração popular de absorver valores culturais externos, não por encontrar nesses valores a satisfação de suas necessidades culturais, mas como uma espécie de profundo complexo de inferioridade que resulta numa auto-desconfiança. Enquanto o povo desvaloriza de si mesmo, não será capaz de promover ou participar de sua ascensão. Assim sendo, é questão fundamental a valorização dos bens populares. É preciso preservar a incen-



ver tudo quanto é autêntico. Resumindo: podemos afirmar que as preocupações dos movimentos de cultura popular têm sido as seguintes: Preparar junto ao povo as bases de uma nova sociedade, discutindo com ele uma série de mensagens que julgam válidas, procurando despertar para a própria realidade; valorizar as camadas populares através da valorização de suas obras culturais".

POVO FAZ TEATRO

"Para atingir estas objetivos, os movimentos e entidades que promovem a cultura popular têm utilizado dois instrumentos principais: a arte e a alfabetização. Com a arte (teatro, música, cinema, folclore, pintura, etc.) tem-se procurado valorizar manifestações artísticas autênticas. Numa primeira fase do teatro, procurava-se levar até o povo obras de autores que possuíam maior sensibilidade aos problemas populares, procurando retratar o cotidiano e apresentar possíveis soluções. Atualmente são comuns as peças escritas por elementos do povo e representadas por eles mesmos. Na música, procuramos preservar os ritmos autênticos e as letras engajadas. Enfim, procuramos desvalorizar as potencialidades artísticas que normalmente são desprezadas em função de manifestações artísti-

cas que realmente não retratam a realidade popular.

METO DA ALFABETIZAÇÃO

Diz o sr. José Carlos Barreto: "A alfabetização tem sido o outro instrumento da cultura popular. Não é difícil perceber as razões que fazem com que alguns se voltem contra ela. Primeiramente a alfabetização em massa é altamente perigosa para os atuais núcleos políticos inautênticos. O número de eleitores crescerá e, o que é mais importante, eleitores com espírito crítico, eleitores que não aceitarão imposturas. Além do mais, como todo processo de cultura popular visa a ascensão do povo e como esta ascensão redundará na diminuição de privilégios, é fácil perceber a coerência das elites que atualmente combatem o processo. Não estou aqui referindo-me àqueles que ludibriam pelas mentiras do sr. Carlos Lacerda ou da srta. Dulce Sales Cunha, fazem uma idéia falsa do processo de alfabetização. Atualmente o Sistema Paulo Freire tem sido utilizado com insistência pelos grupos de cultura popular, por se adaptar às necessidades e finalidades destes grupos. Também cartilhas engajadas e escolas radiofônicas vêm sendo utilizadas com êxito. O ministério da Educação, percebendo, como o seu antecessor, o deputado Paulo de Faria, que um Mi-

nistério de Educação e Cultura não pode ser a única preocupação, de atender às manifestações culturais de pequena 'parte da população brasileira', mas deve preocupar-se com o índice cultural do todo o povo, vem iniciando a cultura popular no Brasil. Assim, os grupos que anteriormente encontravam-se isolados e sem recursos para a tarefa de promoção popular através da cultura, estão agora com possibilidades de trabalho. Foram criados a Comissão Nacional de Cultura Popular e o Plano Nacional de Alfabetização que deverão dar um impulso vital à Cultura Popular no Brasil".

O EQUIVOCO

"Um dos equívocos mais comuns entre aqueles que não estão ligados diretamente ao problema é confundir a Cultura Popular com a popularização da Cultura. São duas coisas distintas. A primeira visa o desenvolvimento dos valores culturais próprios do povo. A segunda procura levar ao povo, valores culturais próprios de uma elite. Não queremos discutir a validade da segunda, apenas gostaríamos de ressaltar de que nenhuma forma poderemos impor valores culturais a uma população que realmente não os possui. A popularização da cultura se tentará mostrar a cultura de elite, como a única verdadeira, tentaremos promovendo uma alienação criminosa.

A crítica da Cultura Popular vem demonstrando um valor paralelo de extrema importância. E consequência do trabalho, a organização do povo em entidades, a fim de atingir seus objetivos. Talvez pelo fato do trabalho do C.P., ser um trabalho coletivo, talvez pelo grau de conscientização conseguido, ou talvez por alguma outra razão qualquer, o fato é que se descobre que 'a união faz a força'.

O PAPEL DOS ESTUDANTES

"Resta analisar o papel que vem representando o estudante, principalmente o universitário neste trabalho. Compreende-se que ser universitário não pode significar alienadamente aos interesses populares, mas pelo contrário, representar estes interesses. A Cultura Popular vem oferecendo a oportunidade de uma abertura da Universidade para o Povo, fazendo com que o engajamento estudantil na luta pela libertação não seja pretexto para tiradas demagógicas em congressos estudantis. Militando na Cultura Popular muitos e muitos despertaram para os problemas do nosso povo. Perceberam ser a Cultura Popular um dos engajamentos válidos para aqueles que querem a transformação da nossa sociedade".

"Brasil Urgente"
Março de 1964

Min. da Educação abolirá o método de Paulo Freire

Da Sucursal

BRASILIA, 15 — O sr. Flavio Suplicy de Lacerda, novo ministro da Educação e Cultura, declarou no Palácio do Planalto que aguarda orientação do chefe do Governo com relação à sua Pasta. Adiantou, porém, que pretende "acabar com o sistema Paulo Freire", e que seu primeiro trabalho será o de "limpar o Ministério".

Acentuou, categoricamente, que haverá intensa campanha de alfabetização, por intermédio de sistema a ser estudado, "pois o do sr. Paulo Freire não é o único que existe".

ALFABETIZAÇÃO

O "Diário Oficial" publica hoje ato presidencial, assinado na Pasta da Educação, revogando o decreto 53.465, de 21 de janeiro de 1964, que instituiu o Programa Nacional de Alfabetização do MEC. A medida foi justificada pela necessidade de o material daquele "programa, empregado na alfabetização popular, veicular idéias nitidamente democráticas e preservar as instituições de nosso povo".

O ESTADO DE S. PAULO 16/4/1964

10-10-64

Educação

Demitindo, na Universidade de Recife, sem prejuízo das sanções penais a que estiverem sujeitos, o técnico de educação Paulo Reglus Neves Freire, o tradutor Juraci da Costa Andrade e o redator Luiz de França Costa Lima Filho;

Aposentando, na Universidade de Recife, sem prejuízo das sanções penais a que estiverem sujeitos, fazendo jus aos proventos correspondentes aos cargos de que são ocupantes, proporcionais aos anos de serviço os professores: Pelopidas Silveira e Antonio Bezerra Baltar, da Escola de Arquitetura; Arnaldo Cavalcanti Marques, da Faculdade de Medicina; Amaro Soares Quintas, da Faculdade de Filosofia; João Alfredo Gonçalves da Costa Lima e Paulo Reglus Neves Freire, da Escola de Belas Artes; o assistente Amauri Vasconcelos; e os instrutores do ensino superior Jomard Muniz de Brito, Luiz de França Costa Lima Filho e José Laurencio de Melo; Artur Eduardo de Oliveira Carvalho, escrivão; Rui Guilherme Paranatinga Barata, professor do ensino superior, e Antonio dos Santos Teixeira, professor do ensino industrial básico.

29-9-64

Decretada prisão de ex-auxiliares de Arraes

O Conselho Permanente de Justiça do Exército decretou, hoje, a prisão preventiva de 6 pessoas, entre elas dois parentes do ex-governador Arraes: Ira Maria Violeta Cerveasneau e Miguel Newton Arraes Alencar. As outras pessoas que tiveram prisão preventiva decretada foram o prof. Paulo Freire e os ex-secretários de Estado Aluisio Falcão, Silvio Lins e Ari Vasconcelos.